

# Depoimento 28/7/82 de um capturado

Na sequência do texto, que publicámos na nossa edição do passado dia 24 sob o título «Matsangaisas sem futuro, hão-de acabar», inserimos hoje o depoimento de um elemento que pertenceu aos bandos armados, capturado pelos milicianos na localidade de Amarela, em Manica. Ele conta vários episódios, desde que foi raptado pelos bandos até à sua participação em acções criminosas contra a população.

## Ficha Biográfica

Nome: Tomás Samson

Idade: 23 anos

Naturalidade: Mungári — Manica

Ocupação: Camponês

Ano da aliança com os bandos armados: Agosto de 1981

«Os matsangaisas raptaramos em Agosto de 1981 e levaram-me para o acampamento deles onde me deram treino durante uma semana, em Nyembuzi. Certo dia, quando íamos a caminho de uma aldeia, onde esperávamos roubar comida, fomos surpreendidos pelas FPLM que estavam em patrulha perto da fronteira com o Zimbábue. O combate que teve lugar não durou muito tempo. Fugimos dali. Deixámos muitas baixas e um dos elementos que tinha sido raptado comigo morreu, naquele dia mesmo. Voltámos para o acampamento. Eu já não tinha a minha arma. Tinha-a deixado ficar durante a fuga. Ficámos algum tempo e em Outubro de 1981 fomos levados para Chikamba onde devíamos destruir uma ponte, mas não conseguimos e tivemos que regressar. Nos dias seguintes fomos para Sussundenga, onde queimámos cinco tractores, em Novembro de 1981, depois voltámos para a base. Ficámos, ficámos, ficámos e depois disseram que eu devia sair para fazer reconhecimento. Disseram-me que, se eu pensasse em fugir, haviam de matar-me. Saímos enquanto éramos três. Um foi reconhecer Manica, o outro veio para Chimio e eu, que devia reconhecer a localidade de Amarela. Ia a caminho de Amarela, quando os milicianos me capturaram. Já tinha reconhecido toda a zona que vai de Vanduzi até ao ponto onde me apanharam, em Bandula, no dia 30 de Novembro de 1981».

P — Você estava a gostar daquela vida?

TS — Não gostava nada mas não tinha outro meio, era obrigado.

P — E porque é que não fugiu, logo que lhe deram a missão de reconhecimento.

TS — Eu tinha medo. Eles disseram que, se você não aparecer cá, se dermos encontro consigo você vai morrer, a gente sabe onde é a tua casa» e eu tive medo que fossem lá matar os meus pais.

P — Porque é que você não gostava daquela vida?

TS — Lá sofre-se muito. Comida não há, come milho torrado, rouba comida da população. Obriga as pessoas, diz que se você não dá comida você vai morrer e as pessoas têm medo de próprio quando me apanharam eu com eles porque tinham armas e eu tenho medo de morrer.

P — E os tractores, porque é que queimaram?

TS — Essa de queimar os tractores em Sussundenga aconteceu assim; estivemos a andar, quando vimos essas tractores na lavoura. Então, quando chegámos ali, o nosso chefe dis-



Tomás Samson — «Queimámos cinco tractores em Sussundenga»

se que vamos queimar os tractores e ninguém podia negar. Ele disse vamos fazer e nós fizemos.

P — Qual é a diferença entre a vida que leva hoje e aquela que levava lá no mato?

TS — A diferença é grande mesmo. Aqui não sofre, estou bem, come bem, tenho mantas, nunca me faltou comida. Lá é só sofrer mesmo. Alimentação não há, só milho torrado para ver comida é difícil.